

CPI: pressão aumenta na reta final.

PARLAMENTARES AMEAÇADOS PRESSIONAM MEMBROS DA CPI E FUNCIONÁRIOS. RELATÓRIO DE BISOL PROVOCA RACHA EM SUBCOMISSÃO.

O medo da cassação levou ontem parlamentares suspeitos de envolvimento em irregularidades na Comissão Mista de Orçamento a iniciar um vale-tudo para impedir que seus nomes constem do relatório final da CPI do Orçamento. Em consequência, a Subcomissão de Evolução Patrimonial rachou. O relatório que o coordenador, senador José Paulo Bisol (PSB-RS), pretende apresentar já está sendo contestado antes mesmo que dele tomem conhecimento outros integrantes da subcomissão. "Bisol está fazendo juízo de valor sobre cada um dos investigados", disse o senador Pedro Teixeira (PP-DF), um dos mais ferrenhos adversários do senador gaúcho na CPI.

Passarinho quer leitura e votação do relatório no mesmo dia, para evitar pressões ainda maiores.

Além do racha na subcomissão, tropas de choque circulavam pelos corredores do Congresso na defesa de parlamentares que supostamente serão incluídos no relatório final com proposta de cassação de mandato. Um grupo suprapartidário formado por integrantes do PP, PPR, PTB e PFL foi até o presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), para tentar invalidar relatórios de subcomissões. "Não sou tutor de crianças", reagiu Passarinho.

Sentindo na pele as pressões, Passarinho disse, em entrevista à rádio Nova Eldorado AM, que a votação do relatório final deverá ocorrer logo depois da sua leitura. O objetivo é justamente evitar as pressões. "A desvantagem de a votação ficar para a segunda-feira é que, inevitavelmente, o relatório vazará e aí nós vamos ter todo o tipo de pressão imaginável." E acrescentou: "Devemos fazer um esforço para votar em urgência urgentíssima".

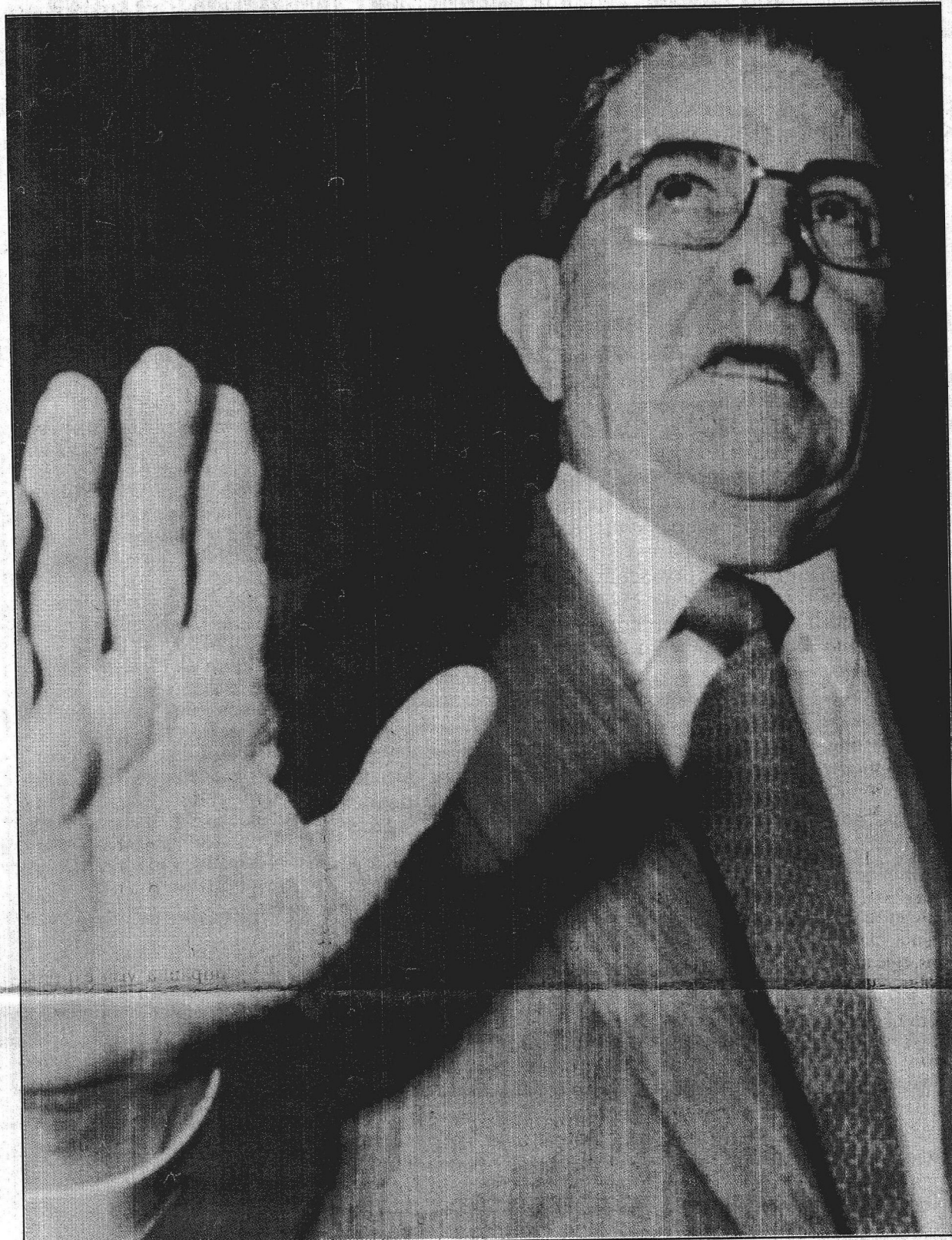
Enquanto isso, Pedro Teixeira ia até o Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen)

queixar-se do servidor Hipólito Gadelha, que teria feito diligências em Luziânia, para investigar o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PP). Teixeira, que é partidário do governador, solicitou ao funcionário que não utilizasse as prerrogativas que lhe tinham sido dadas pela CPI, para fazer investigações sobre Roriz e o acusou de ser agente da CUT. Ao verificar que o senador Bisol se aproximava, Gadelha ergueu o tom de voz. "O senhor baixa a voz, porque está desrespeitando um senador", gritou Teixeira.

Minutos depois, o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA) chegou ao Prodasen acompanhado do deputado José Lourenço (PPR-BA). Tinoco estava

indignado porque, mesmo considerando que havia se saído bem no depoimento que prestou à CPI, seu nome foi citado entre os que poderão ter o mandato cassado. Lourenço queria a todo custo que Tinoco tivesse acesso aos documentos levantados pela CPI.

O deputado Francisco Diógenes (PPR-AC), acusado de ter desviado milhares de dólares de subvenções sociais, juntou a bancada do Acre e, nervoso, foi à Subcomissão de Subvenções fazer a sua defesa. Aos gritos. O caso da deputada Raquel Cândido (PTB-RO), suspeita de desvio de US\$ 800 mil para o Instituto Eva Cândido, de Porto Velho, tem tomado grande parte do tempo das reuniões da Subcomissão de Subvenções. Não se sabe, com certeza, se o dinheiro das emendas que a beneficiaram foi mesmo liberado. Mas depois de um dia de tensões e brigas de grupos, Passarinho garantiu que a harmonia estava de volta à CPI: Bisol concordou em mostrar à Subcomissão de Patrimônio o relatório que entregará hoje a Magalhães.



Passarinho: "Não sou tutor de crianças".